

MARY RENAULT

FOGO DO CÉU

TRADUÇÃO
Lya Luft

COPYRIGHT © FIRE FROM HEAVEN © 1970 BY MARY RENAULT
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Tradução **LYA LUFT**
Preparação **MONIQUE D'ORÁZIO** e **ANGÉLICA BORBA**
Revisão **BÁRBARA PARENTE** e **THAÍS ENTRIEL**
Capa e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Renault, Mary
Fogo do céu / Mary Renault ; tradução de Lya Luft. — São Paulo : Faro
Editorial, 2023.
352 p.

ISBN 978-65-5957-254-0
Título original: Fire from Heaven

1. Ficção inglesa 2. Ficção histórica I. Título II. Luft, Lya

22-6382

CDD 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
I. FICÇÃO INGLESA



FARO
EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

1

A CRIANÇA ACORDOU COM A SERPENTE SE ENROLANDO EM SUA CINTURA. Por um instante, ficou assustada; aquilo dificultara sua respiração, provocando um pesadelo. Porém, assim que acordou, o menino descobriu o que era e colocou as duas mãos dentro da espiral, que mudou de lugar; a parte mais grossa em suas costas foi ficando mais fina. A cabeça deslizou sobre seu ombro, ao longo do pescoço, e então ele sentiu a língua inquieta junto da orelha.

A obsoleta lamparina do quarto infantil, pintada com figuras de meninos jogando aros ou assistindo a brigas de galo, ardia debilmente em seu suporte. O cair da noite em que ele adormecera há muito já se fora; somente um luar frio e penetrante entrava pela alta janela, marcando de azul o chão de mármore amarelo. Ele baixou o lençol para ver a serpente. Sua mãe lhe dissera que não se devia mexer com as manchadas, aquelas de dorso como fimbrias bordadas, mas estava tudo bem; era a marrom-clara de barriga cinza, lisa como esmalte polido.

Quando ele fizera quatro anos, havia quase um ano, ganhara uma cama maior, de 1,70 metro, mas os pés eram curtos, para o caso de ele cair, de modo que a serpente não tivera de se esforçar muito para subir. Todos no quarto dormiam profundamente; sua irmã Cleópatra no berço ao lado da ama espartana; mais perto, numa cama melhor, de pereira esculpida, estava sua própria ama, Helanique. Devia ser alta madrugada, mas ainda se ouviam os homens no átrio, cantando juntos. O som era alto e dissonante, arrastado no fim dos versos. Ele já sabia o motivo.

A serpente era um segredo só dele. Nem Lanique, tão perto, percebera que eles estavam se cumprimentando em silêncio. Ela roncava tranquilamente. Ele levava um tapa por comparar aquele ronco a uma serra de carpinteiro. Lanique não era uma ama comum, mas uma dama de linhagem real que, duas vezes ao dia, o lembrava de que não prestaria aqueles serviços a ninguém menos do que o filho de seu pai.

Os roncões, as cantorias distantes, eram sons de solidão. Os únicos acordados eram ele próprio e a serpente, e a sentinela andando de um lado para

o outro no corredor, o tilintar das fivelas de sua armadura ouvidas apenas quando passava pela porta.

O menino virou-se de lado acariciando a serpente, sentindo aquela força escorregadia deslizar pelos dedos, sobre sua pele nua. Ela pousara a cabeça chata sobre o coração dele como se quisesse escutar as batidas. Antes estava fria, o que ajudara a acordá-lo. Agora assimilava seu calor, tornando-se preguiçosa. Com certeza dormiria, e podia ficar assim até a manhã seguinte. O que diria Lanique se a encontrasse? Ele segurou o riso, para que a serpente não se assustasse e fosse embora. Nunca a vira tão longe do quarto de sua mãe.

Ficou à espreita para ouvir se ela não mandara suas mulheres procurarem o animal, cujo nome era Glauco. Porém, apenas ouviu dois homens discutindo aos gritos no átrio; depois, a voz de seu pai, mais alta, berrando para que se calassem.

Ele a imaginou em seu traje de lã branca com barrados amarelos que usava depois do banho, a lamparina vermelha brilhando através da mão em concha, chamando brandamente: “Glauco!”; ou talvez tocando música para a serpente em sua minúscula flauta de osso. As mulheres vasculhariam por toda parte, entre as mesinhas onde ficavam os pentes e potes de pintura, dentro das cômodas ornadas com bronze cheirando à canela; ele as vira dessa maneira procurando um brinco perdido. Ficavam assustadas e desajeitadas, e ela se zangava. Ouvindo novamente o rumor vindo do átrio, ele se lembrou de que o pai não gostava de Glauco e ficaria bem contente se o animal se perdesse.

Foi então que resolveu devolvê-lo à mãe naquele mesmo instante, e pessoalmente.

Era preciso agir. O menino postou-se sob o luar azul refletido no chão amarelo, a serpente enroscada nele, apoiada em seus braços. Não podia perturbá-la ao vestir roupas; assim mesmo pegou seu manto da cadeira e enrolou-o em torno de ambos para que o animal ficasse aquecido.

Parou por um instante para pensar. Tinha de passar por dois soldados. Mesmo que fossem seus amigos, a essa hora o fariam parar. Escutou o que havia lá fora. A passagem tinha uma curva que levava a uma sala-forte. A sentinela cuidava das duas portas.

Os passos se afastaram. Ele abriu a porta e espreitou para planejar seu trajeto. Havia um Apolo de bronze sobre uma base de mármore verde no ângulo da parede. O menino ainda era suficientemente pequeno para esconder-se atrás dela. Quando a sentinela passou para o outro lado, ele correu. O resto era fácil, até chegar ao pequeno pátio que levava aos aposentos reais.

Os degraus ficavam entre paredes pintadas com árvores e pássaros. Havia um pequeno patamar no alto, além da porta polida com sua grande maçaneta na forma de um anel saindo da boca de um leão. Os degraus de mármore ainda não estavam muito gastos. Antes do reinado de Arquelau,

não havia nada além de uma pequena cidade portuária na laguna em Pela. Agora era uma cidade, com templos e grandes casas; Arquelau construía aquele seu famoso palácio, admirado em toda a Grécia, sobre uma colina suave. Era famoso demais para ser mudado; tudo era esplêndido, segundo os parâmetros de cinquenta anos atrás. Zêuxis passara anos pintando as paredes.

Ao pé da escada estava a segunda sentinela, o guarda-costas real. Naquela noite, era Ágis. Estava, sem nenhuma formalidade, apoiado em sua lança. O menino, observando do corredor lateral escuro, recuou, mantendo-se à espreita.

Ágis, filho de um senhor dos domínios reais, tinha cerca de vinte anos. Vestira a armadura de desfile para vigiar o entorno do rei. Seu elmo tinha um penacho de crina de cavalo vermelha e branca, e havia leões gravados nas articulações de suas mandíbulas de bronze. O escudo mostrava a elegante pintura de um javali correndo; ficava pendurado em seu ombro, e só podia ser largado depois de o rei estar a salvo na cama, mesmo assim sempre a seu alcance. Na mão direita, uma lança de 1,50 metro.

O menino olhava deliciado, sentindo, debaixo do manto, a serpente mover-se e enroscar-se docemente. Conhecia bem o jovem; gostaria de saltar diante dele com um berro, fazendo-o levantar o escudo e apontar a lança, ser erguido até o ombro para tocar aquele penacho lá em cima, mas Ágis estava em serviço. Era ele que arranharia a porta e entregaria Glauco a uma criada; para ele próprio, sobriariam Lanique e a cama. Já tentara outras vezes entrar ali de noite, embora nunca tão tarde; sempre lhe diziam que ali ninguém entrava, senão o próprio rei.

O chão da passagem tinha a forma de um mosaico em xadrez branco e preto. Os pés do menino doíam por estar parado e em pé, e a noite trazia calafrios. Ágis estava ali para vigiar a escada, apenas isso. Era diferente do outro guarda.

Por um momento o menino pensou em aparecer, conversar com Ágis e voltar, mas a serpente deslizando sobre seu peito lembrou-lhe de que viera para ver a mãe. Portanto, era o que faria.

Se pensássemos com firmeza naquilo que desejávamos, a ocasião aparecia. Glauco também era mágico. Ele acariciou o pescoço afinado da serpente, dizendo sem emitir um som: “Agatodemo, Sabázio-Zagreu, mande-o embora, vamos, vamos!”. E acrescentou um feitiço que ouvira sua mãe usar. Embora não soubesse para que servia, valia a pena tentar.

Ágis virou-se das escadas para a passagem oposta. Lá estava a estátua de um leão sentado. O soldado encostou o escudo e a lança ali, e rodeou-o por trás. Embora absolutamente sóbrio, bebera demais para aguentar a espera da sentinela seguinte. Todos os guardas iam para trás do leão. Antes do amanhecer, os escravos limpavam tudo.

Assim que o homem fez menção de andar antes de largar as armas, o menino entendeu o que significava e começou a correr. Disparou pelas escadas frias e suaves silenciosamente. Isto sempre o espantara: quando brincava com outras crianças, ao ver como as alcançava ou vencia facilmente, parecia impossível estarem realmente se esforçando.

Ágis, atrás do leão, não esquecia seu dever. Quando um cão de guarda latiu, voltou-se imediatamente, mas o som vinha do outro lado; ajeitou suas roupas e pegou as armas. A escada estava vazia.

Empurrando atrás de si silenciosamente a porta pesada, o menino ergueu a mão para fechar o trinco. Era bem polido e lubrificado, portanto, fechou sem um único ruído. Feito isso, caminhou na direção do quarto.

Havia apenas uma lamparina acesa sobre um suporte alto de bronze brilhante acoplado a uma trepadeira dourada e sustentado sobre patas de cervo também douradas. O aposento estava quente, exalando por toda parte uma vida secreta. As cortinas de lã azul com barrados bordados, as pessoas pintadas nas paredes, todos emanavam essa vida; a chama da lamparina também transmitia isso. As vozes dos homens, agora abafadas pela porta pesada, não passavam de murmúrios.

Sentiam-se densos aromas de óleo de banho, incenso e almíscar, além de cinzas de resina de pinheiro na lareira de bronze; das pinturas e óleos de sua mãe, do pequeno frasco de Atenas; de alguma coisa acre que ela queimava para suas magias; de seu próprio corpo e cabelo. Na cama, cujas pernas eram incrustadas com marfim e tartaruga terminando em patas de leão, estava ela, adormecida, cabelo espalhado sobre o travesseiro de linho trabalhado. Nunca a vira em sono tão profundo antes.

Parecia não sentir nenhuma falta de Glauco. Ele parou, para saborear aquela possessão imperturbável. Sobre o toucador de oliveira havia potes e frascos limpos e fechados. Uma ninfa dourada sustentava no alto a lua do seu espelho de prata. O roupão cor de açafão estava dobrado sobre uma cadeira. De trás do aposento destinado às criadas vinha um ronco distante e débil. Seus olhos passaram pela pedra solta junto da lareira, sob a qual viviam coisas proibidas; ele muitas vezes desejara tentar fazer suas próprias mágicas, mas Glauco podia escorregar. A serpente tinha de ser entregue agora.

Caminhou mansamente, senhor absoluto e único guardião do sono da mãe. A coberta de peles de marta, com beiradas vermelhas e franjas de ouro, ergueu-se e caiu sobre ela. As sobrancelhas arquearam-se sobre as pálpebras tênues e macias que pareciam revelar os olhos acinzentados. Os cílios eram escuros; a boca, firmemente fechada, tinha a cor de vinho. Seu nariz era branco e reto, expirando tenuemente conforme respirava. Tinha então 21 anos.

A coberta afastara-se um pouco dos seios, onde, até pouco tempo, jazia a cabeça de Cleópatra. Agora estava com a ama espartana, e o reino do menino era novamente seu.

Uma madeixa de cabelo esparramava-se através dele, um vermelho-escuro forte e lustroso que se assemelhava a labaredas de fogo na luz móvel da lamparina. Ele pegou um pouco de seu cabelo e comparou-os: o dele era como ouro bruto, pesado e brilhante; Lanique, em dias de festa, sempre reclamava que os cachos nunca ficavam direito. Os cabelos dela eram abundantes e ondulados. A mulher espartana dizia que o de Cleópatra seria igual, embora agora fosse como plumagem. Ele a odiaria, se ela ficasse mais parecida com sua mãe do que ele, mas talvez morresse; bebês morriam com muita frequência.

Na sombra, o cabelo parecia escuro, diferente. Ele olhou ao redor, para o grande mural na parede interna: a guerra de Troia, que Zêuxis pintara para Arquelau. As figuras eram de tamanho natural. O cavalo de madeira erguia-se no fundo; na frente, gregos enfiavam espadas em troianos, corriam em sua direção com lanças ou carregavam nos ombros mulheres aos gritos. Na frente, o velho Príamo e o menino Astíanax rolavam em seu próprio sangue. Era aquela cor. Satisfeito, ele desviou-se. Nascera naquele aposento; a pintura não era novidade para ele.

Glauco enroscava-se em sua cintura debaixo do manto, certamente contente de estar em casa. O menino olhou de novo o rosto da mãe; depois deixou cair seu único traje, ergueu com delicadeza o lençol e, em silêncio, enfiou-se ao lado dela.

Seus braços o rodearam. Ela gemeu docemente colocando o nariz e a boca no cabelo do menino; sua respiração ficou mais pesada. Ele enfiou a cabeça debaixo do queixo dela; seus seios envolveram-no, e podia sentir a pele nua grudar-se na dela em toda a extensão do corpo. A serpente, apertada demais entre os dois, retorceu-se com força e deslizou para o lado.

Ele sentiu que a mãe acordava; os olhos cinzentos com seus secretos anéis de fumaça estavam abertos quando ergueu os seus. Ela o beijou e acariciou, depois disse:

— Quem foi que deixou você entrar?

Enquanto ela ainda estava adormecida e ele se deitava envolto em sua felicidade, tinha uma resposta pronta. Ágis não vigiara o suficiente. Soldados eram punidos por isso. Meio ano se passara desde que ele vira, da janela, um guarda sendo morto no campo de treinamento. Depois de tanto tempo, ele esquecera a ofensa, se é que alguma vez soubera dela; mas lembrava-se do magro corpo distante amarrado no poste, os homens parados ao redor com dardos posicionados nos ombros, o comando estridente seguido de um único

grito; depois, quando todos se juntavam para arrancar as cerdas das lâminas, a cabeça mole, e o enorme jato de sangue.

— Eu disse ao homem que você estava me chamando.

Não era preciso dar nomes. Para uma criança que gostava de falar, ele aprendera cedo a controlar a língua.

A face dela abriu-se num sorriso. Ele dificilmente a ouvira falar com seu pai sem mentir a respeito de uma coisa ou outra. Pensava ser uma habilidade dela, como a música de serpentes na flauta de osso.

— Mãe, quando a senhora se casará comigo? Quando eu for mais velho e fizer seis anos?

Ela beijou sua nuca e passou o dedo ao longo da espinha.

— Peça-me de novo quando tiver seis. Quatro é muito pouco para um compromisso sério.

— Mas vou fazer cinco no mês do leão. Eu te amo. — Ela o beijou sem dizer nada. — Você me ama mais do que tudo?

— Eu o amo plenamente. Talvez eu vá te devorar.

— Mais que a todos? A senhora me ama acima de todos os outros?

— Quando você é bonzinho.

— *Não!* — Ele rodeou a cintura dela com os joelhos, dando socos em seus ombros. — Mais do que todos, de verdade. Mais ainda do que Cleópatra. — Ela emitiu um som brando, mais carícia do que censura.

— A senhora me ama! A senhora me ama! Mais do que ao rei.

Ele raramente dizia “pai”, e sabia que isso não a desagradava. Através da pele sentiu seu riso silencioso. Então ela disse:

— Talvez.

Vitorioso e exultante, aproximou-se dela.

— Se prometer me amar mais do que aos outros, eu lhe dou um presente.

— Ah, tirano. O que seria?

— Veja, achei Glauco. Ele veio para minha cama.

Afastando o lençol mostrou a serpente enroscada de novo em sua cintura, e parecia que achava aquele um lugar agradável.

A mãe olhou a cabeça lustrosa que se ergueu do peito alvo do menino e sibilou mansamente em direção a ela.

— Ora — disse ela —, onde foi que achou isso? Esse não é Glauco. Do mesmo tipo, sim, mas é muito maior.

Ambos olharam fixamente a cobra enrolada; a mente do menino encheu-se de orgulho e mistério. Acariciou o pescoço erguido, como lhe tinham ensinado, e a cabeça abaixou-se novamente.

Os lábios de Olímpia abriram-se, suas pupilas dilataram-se ainda mais, invadindo as íris cinzentas; ele as viu como seda macia pregueada. Seus braços envolveram o menino, totalmente paralisado nos olhos dela.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2023